

Leandro Gomes de Barros

**BATALHA**

DE

**Tabraz  
com Oliveiros**



A VENDA

Recife--Rua IMPERIAL n. 80

1869

Esta limpo pente

23



## Batalhas de Oliveiros com Ferrabraz

Eram doze cavalleiros  
Homens muito valorosos,  
Destemidos, animosos,  
Entre todos os guerreiros,  
Como bem fosse, Oliveiros  
Um dos pares de fiança  
Que sua perseverança  
Venceu todos infiés,  
Foram doze leões cruéis  
Os doze pares de França.

Todos eram conhecidos  
Pelos leões da igreja,  
Pois nunca foram á peleja  
Que nella fossem vencidos,  
Eram por turcos temidos,  
Pela igreja estimados  
Porque quando estavam armados  
Suas espadas luziam,  
E os inimigos diziam:  
—Esses são endiabrados.

Tinha o duque de Nemé  
Que era uma espada medonha,

Receita de Ferrabraz  
de  
D. Ferrabraz  
de  
D. Ferrabraz

O grande Guy de Borgonha  
Geraldo de Monde Fé.  
Carlos Magno tinha fé  
Em todos seus cavalleiros,  
Pois entre todos guerreiros  
De que nos trata a historia,  
Vê-se sempre a maior gloria  
De Roldão e Oliveiros.

O almirante Balão  
Tinha um filho—o Ferrabraz.  
Que entre os tureos, era o mais  
Que tinha disposição  
Mesmo em nobreza de acção  
Era o maior que havia  
Então em toda Turquia  
Onde se ouvia fallar,  
Tudo tinha de respeitar  
Ferrabraz de Alexandria.

Foi Ferrabraz procurar  
Sahiu com uma grande tropa  
Vê se achava na Europa  
Um rei para pelear,  
Pegou logo a exclamar  
Com mais precipitação,  
Fazendo uma exclamação,  
Insultando os cavalleiros,  
Fallando contra Oliveiros  
Fazendo accinte a Roldão.

Quando Ferrabraz chegou  
Nos campos de Mormionda,  
Só um trovão quando estronda  
Trôa como elle troou,  
Em altas vozes gritou  
Apoiado em uma lança,  
Como uma féra que avança  
Precipitada em furor  
Dizia oh! imperador  
Quê dê teus pares de França?

'Stás poupando teus guerreiros  
Que nem um vem pelear?  
Para que queres guardar  
Esses doze cavalleiros?  
Ouço dizer que Oliveiros  
Tem tanta disposição,  
E' propria a occasião,  
Se não tens dó dos cavalleiros,  
De uma vez mande Oliveiros  
Guy de Borgonha e Roldão.

Ninguem ahi respondeu  
E Ferrabraz se apeiou,  
Numa sombra se assentou  
Em vozes altas rompeu,  
Carlos Magno se escondeu:  
Ou está hoje sem acção?  
Os pares onde é que estão?  
Não ouço nem um fallar,

Já não posso acreditar  
Nas façanhas de Roldão.

Sahirei daqui dizendo:  
—Carlos Magno se escondeu?  
Roldão não me appareceu  
Talvez ficasse tremendo...  
Estou só, como está se vendo  
Elles são doze guerreiros  
Como 12 cavalleiros,  
Não dão batalha a um só?  
Porque não vem uma mó  
Roldão, Ricardo, Oliveiros?

Eu sosinho nesta campanha  
Contra um exercito francez,  
E matal-o de uma vez,  
Não digo que isto é façanha.  
Um exercito não me ganha,  
Ainda eu mesmo doente.  
Como é que existe gente  
Que se atreve a exaltar  
E pelo mundo espalhar  
Que Carlos Magno é valente?

Carlos Magno perguntou  
Quem tanto o insultava,  
Quem tão rebelde fallava.  
Ricardo abi lhe explicou  
Lhe disse esse que chegou,

E' um grande da Tarquia,  
Turco de muita energia,  
Impera sobre o seu throno.  
E' o legitimo dono  
Do reino de Alexandria.

Aquelle foi o que entrou  
Dentro de Jerusalém  
Não respeitando ninguem  
Até apostolos matou.  
No templo sagrado-achou  
Balsamo que Deus foi unguido  
Cozas que tinham servido  
Na paixão do Redemptor,  
A corôa do Senhor  
Tudo elle tem conduzido.

Carlos Magno observou  
Que nem um se offereceu,  
Logo ahi entristeceu  
Chamou Roldão e o mandou.  
Disse Roldão—eu não vou  
Nem eu, nem meus companheiros  
Nos combatas derradeiros  
Nós exgottamos os valores,  
Quem foram merecedores  
Foram os velhos cavalleiros.

Nessa ultima batalha  
Sanguinolenta e tyrana,

Minha espada durindana  
Não mostrou uma só falha,  
Daquella bruta caralha  
Arrebatei a victoria,  
Me ficará de memoria  
Aquelles grandes perigos  
Os cavalleiros antigos  
Foi a quem dèsses a gloria.

Carlos Magno quando ouviu  
A resposta de Roldão  
Se encheu de tanta paixão  
Que um ferro lhe sacudiu.  
Roldão quando olhou que viu  
O sangue delle descer,  
Não poudo mais se conter,  
Se armou com tal furor  
Que não foi ao imperador  
Por Ricardo se interver.

Carlos Magno ordenou  
Que os pares o pegasse,  
Depois de preso o matasse.  
Roldão de novo se armou  
Pela espada puxou  
E disse em alta linguagem  
Com destemida coragem,  
Fallou a todos assim:  
—Qualquer que tocar em mim  
Diga que está de viagem.

Tudo alli ficou callado  
Não fallou um cavalleiro  
Roldão era o companheiro  
Dentre todos mais amado,  
De mais era respeitado  
Pela nobreza e acção,  
Tinha um leal coração  
Para com seus companheiros  
E mesmo dos cavalleiros  
Era elle o capitão.

Carlos Magno ficou  
Certo de que ninguem ia  
Disse que mesmo queria  
Ver quem o desafiou;  
Quando a noticia chegou  
Aos ouvidos de Oliveiros  
Que soube que os cavalleiros  
Não tinham lhe obedecido,  
Ficou bastante sentido  
Desta acção dos companheiros.

Ordenou ao escudeiro  
O cavallo lhe sellar  
E mandou logo apromptar  
Arreios de cavalleiro...  
E gritou—ande ligeiro,  
Me ajude logo a armar,  
Pode o turco se gabar,  
Matei um dos cavalleiros,

Porem não diz Oliveiros  
Temeu commigo lutar.

Assim que Guarim sentiu  
Seu senhor fallar em guerra,  
Pôz os joelhos em terra  
Até por Deus lhe pediu,  
Porque imaginou e viu  
Que elle não estava capaz,  
Porque já era demais  
O sangue que lhe sahia,  
Por isso por Duus pedia  
Que não fosse a Ferrabraz.

Guarim, podes descansar,  
—Oliveiros respondeu.  
Um soldado como eu  
Não deixa seu rei chorar,  
Pois o turco ha de acreditar  
Que mil fêras não me comem  
As minhas façanhas se somem  
Mas emquanto eu não morrer  
Ferrabraz ha de dizer  
Em França encontrei um homem.

Quando do leito se ergueu  
Pôz uma perna estendida,  
Logo ahi de uma ferida  
Porção de sangue desceu,  
O escudeiro tremeu

Assim que o sangue espanou  
E elle não se importou  
Como que estivesse são,  
Fincou a lança no chão  
E de um só pullo montou.

E foi ao imperador  
Com a maior reverencia:  
Disse com obediencia  
—Esclarecido senhor,  
Eu não sou merecedor  
Que cousa alguma me dê  
Por isso, senhor, bem vê  
Que valor tem seu captivo  
Por 10 annos que te sirvo  
Vim pedir-te uma mercê...

Disse-lhe o imperador:  
—Pode Oliveiros dizer  
Eu juro o satisfazer  
Seja que pedido fôr.  
Disse-lhe Oliveiros: Senhor!  
Não quero cousa de mais,  
E não serei tão capaz  
Para tanto te pedir  
Porem, o que quero é ir  
Dar batalha a Ferrabaz.

Carlos Magno quiz faltar  
Devido ao seu máo estado,

Porem já tinha ordenado  
Não podia revogar.  
Viu Oliveiros montar  
E muito sangue sahir  
Rogou-o para não ir...  
Disse Oliveiros: irei  
Se desfeitiando meu rei  
De que me serve existir?

Não posso aqui declarar  
O que era de mistér  
Como ficou Regner  
Vendo Oliveiros montar,  
Ficou a se lastimar  
Vendo os outros cavalleiros,  
Elle com mil desesperos  
Prostrado em terra se lança  
Perdeu a ultima esperança  
—De ver seu filho Oliveiros.

Ferrabraz estava deitado  
Sentio chegar Oliveiros  
Foi ver se eram os cavalleiros  
A quem já tinha insultado,  
Depois de ter bem olhado  
Cresceu-lhe mais o furor,  
Com desprezo aterrador  
E raiva dos cavalleiros  
Perguntou a Oliveiros:  
—Que fizeste ao teu senhor?

Levante-se, cavalleiro,  
Prepare as armas e as aprompte  
Pegue o cavallo, se monte,  
Trate de ser bom guerreiro  
Ponha seu corpo ligeiro  
Veja não dê uma falha.  
A morte entre nós se espalha,  
A hora de um é chegada  
Lance mão de sua espada,  
Vamos entrar na batalha.

Quem és tu, tão pequenino  
Que vem me desafiar?  
Achas que vou me occupar  
Em dar batalha a menino?  
E's louco, tu não tens tino,  
Disse o turco com furor.  
Seja por qual forma fôr,  
Me diga agora, confesse,  
E me diga o que fizesse  
Contra a teu imperador?

Disse Oliveiros zangado:  
Venha pelejar commigo,  
Perante teu inimigo,  
E' ser vil pôr-se deitado.  
Devia ser delicado  
Lhe reflectio Oliveiros  
Na ordem dos cavalleiros  
Encontra-se a educação,

Pois isso não é acção  
Vinda dos grandes guerreiros.

O turco disse afinal:  
Oh! cavalleiro, lhe digo,  
Só pode lutar commigo  
Se fôr de sangue real,  
Porque se não fôr igual  
Recusarei a empreza  
Fallo com toda franqueza...  
Então Oliveiros disse:  
Pode crêr como que visse  
Minha origem é de nobreza.

Ferrabraz lhe esclareceu:  
Teu nome has de me dizer.  
Primeiro eu hei de saber.  
Disse Oliveiros: do teu  
Disse Ferrabraz: o meu  
O direi sem mais porfia,  
Pois minha soberania  
Não exige cousas taes,  
Eu me chamo Ferrabraz,  
Sou o rei de Alexandria.

Eu sou Guarim de Lorenda.  
Oliveiros respondeu  
Hoje foi que succedeu  
Dar a primeira contenda.  
E lhe digo que se renda

Que o levarei com amor,  
Fique sabendo o senhor  
Hoje não pode escapar  
Eu hoje tenho de o levar  
Para o meu imperador.

O turco disse-lhe assim:  
Teu rei é muito malvado  
Pois pega um pobre soldado  
Sem causa quer dar-lhe fim.  
Porque em tu vires a mim  
E' ser muito louco ou bôbo,  
E' como fazer um roubo  
A quem não possui dinheiro,  
E' atirar um cordeiro  
Dentro da jaula de um lôbo.

Oliveiros já massado  
Disse: turco és um louco...  
Levanta-te, senão com pouco  
Hei de feril-o deitado.  
Que tempo tem se passado  
Nessas tuas discussões  
Eu não vim ouvir razões  
Vim ao campo pelejar,  
Tu és franco no fallar  
Vamos vêr tuas acções.

Ferrabraz sem se alterar  
Lhe disse: espera Guarim,

Peço que digas a mim  
O que te vou perguntar.  
Então pôz-se a indagar  
Com a falla muito mansa  
Como quem pensa e descança.  
Perguntou a Oliveiros:  
—Como são os cavalleiros  
Que formam os pares de França?

Oliveiros disse assim:  
Roldão tem boa estatura  
Oliveiros na figura  
El' mesmo que vêr a mim,  
Guy de Borgonha, Bofim,  
Ricardo são quasi iguaes,  
Pegou n'um, é um voraz,  
Porem enquanto a Roldão  
Em coragem e coração  
O mundo não terá mais.

Disse Ferrabraz: então  
Porque desses cavalleiros  
Não veio a mim o Oliveiros?  
Guy de Borgonha ou Roldão?  
Disse Oliveiros: isso não  
Oliveiros está doente  
Bofim tambem anda auzente,  
Gui de Borgonha ficou,  
Roldão nunca se occupou  
Brigar com um turco somente.

9i  
Guarim tu tens me mentido  
Disse que és novo guerreiro;  
• E's antigo cavalleiro  
• Tanto que tu estaes ferido.  
• Mais Oliveiros fingido  
Disse: esse sangue é d'agora  
• Eu estou são; porem embora  
• Tenha na junta algum callo,  
• O sangue é de meu cavallo  
Que é muito duro de espora.

Depois de se levantar  
Ferrabraz se preparou,  
• A Oliveiros rogou  
• Que o ajudasse a armar.  
Oliveiros quiz faltar  
• Por achar que era um perigo.  
Disse Ferrabraz: lhe digo  
Confie em minha nobreza,  
Eu não uzo da vileza  
Para com meu inimigo.

Oliveiros se apeiou  
Ajudou a Ferrabraz,  
• Com cortezias iguaes  
Elle tambem o tratou.  
Quando Ferrabraz se armou  
Vestiu a saia de malha  
Na qual não tinha uma falha  
• Feita por outros guerreiros,

Montaram-se os cavalleiros  
Deram começo a batalha.

Posto em ordem proseguiram  
A lucta em estreitos passos,  
Das grossas lanças os pedaços  
De ambos ao longe cahiram,  
Ambos logo se serviram  
De duas finas espadas  
Cortantes, grandes e pesadas  
Que era uso dos guerreiros  
Das feridas de Oliveiros  
Foram tres as magoadas.

Disse Ferrabraz: Guarim,  
Pela crença dos fieis  
Confesses logo quem és,  
Não sejas fingido assim.  
Creio que mentisses a mim  
Tu és um dos cavalleiros  
Daquelles grandes guerreiros  
Que a fama está espalhada,  
Pelo pegar da espada  
E's Roldão, ou Oliveiros.

Disse o hoste dos guerreiros:  
Turco tens uma attracção  
Para roubar coração  
Dos mais duros cavalleiros.  
Confesso, sou Oliveiros,

Minha fama tens ouvido.  
Ferrabraz ficou sentido  
De seus insultos primeiros  
Disse:—desculpe Oliveiros  
Não tel-o bem recebido.

Ahi tornaram a partir  
Em ordem de cavalleiros.  
Disse o turco a Oliveiros  
—Não posso mais te ferir:  
Vejo teu sangue sahir  
Devido estarés estragado;  
Eu tenho o balsamo sagrado  
Com que teu Deus foi unguido,  
Bebe-o porque estás ferido,  
Bebendo ficas curado.

Turco eu não hei de aceitar  
Cousa alguma que me deres,  
Salvo se tu quizeres  
Crêr em Deus e te baptisar  
Do contrario é se cançar  
Porque não acceito nada,  
Estou com a vida arriscada,  
Sei do poder que tem elle  
Porem só me sirvo d'elle  
Tomando-o pela espada.

Ahi ambos prevenidos  
Não escutaram razões,

Pareciam dois leões  
Numa jaula enfurecidos.  
Dous golpes iguaes medidos  
Todos dous descarregaram,  
Com a força que botaram  
Os braços ficaram bambos  
E os cavallos de ambos  
Em terra se ajoelharam.

Oliveiros recebeu  
Um golpe tão desmarcado  
Que ficou atordoado  
E muito sangue desceu.  
O turco ahi conheceu  
Delle as forças abatidas  
Com vozes compadecidas  
Disse Oliveiros teimoso,  
Bebe o balsamo milagroso  
Que te cura essas feridas.

Ferrabraz, eu nada acceito  
Assim não deves cansar-te,  
Confesso de minha parte  
Que toda offerta regeito.  
Porque eu não me aproveito  
D'uma acção acobardada  
Por uma protecção dada  
Pois que prefiro morrer  
Que do teu balsamo beber  
Sem o tomar pela espada.

Beijou a cruz da espada  
Proseguio uma oração! ↓  
Oh! Virgem da Conceição!  
Maria pia e sagrada,  
Mãe de Deus immaculada,  
Esposa casta e fiel!  
Pelo vinagre e fel  
Que Christo bebeu na Cruz,  
Rogae por mim a Jesus,  
Nessa batalha cruel.

Partiu ao seu contendor  
Com tanta disposição  
Que só se tivesse são  
Teria tanto valor.  
Deu-lhe um golpe matador  
Porem pegou mal pegado,  
Feriu o turco de um lado  
Ferrabraz se desviou  
Tirando o balsamo o tomou  
Ficou de tudo curado.

Oliveiros entristeceu  
Quando viu Ferrabraz são,  
E disse no coração  
Quem perde a lucta sou eu...  
Porem não esmoreceu  
Nem deu mostração de falha  
Como o homem que trabalha  
Disse sem poder conter-se,

Falta pouco para vêr se  
O fim de nossa batalha.

Disse o turco—cavalleiro:  
Tu já estás muito ferido  
Queira acceitar meu partido  
Renda-se, prisioneiro,  
Assim lhe farei o herdeiro  
Do reino de Alexandria,  
E tem mais a garantia  
De hoje para amanhã,  
Casarás com minha irmã,  
A flor de toda Turquia.

Disse Oliveiros:—Senhor  
Eu não prefiro riqueza,  
Quero morrer na pobreza  
Mas bem com meu salvador...  
Porque foi meu creador  
E por minh'alma trabalha,  
Um estante não se empalha  
Para valer os fieis,  
Turco, cuida em teus papeis,  
Vamos dar fim a batalha.

Cobriu-se com seu escudo  
Beijou a cruz da espada,  
E deu uma cutilada  
Que desceu arniés e tudo.  
E dando outra a miudo,

A Ferrabraz offendeu  
O céo o favoreceu  
Um revez escapoliu  
O balsamo delle cahiu  
E Oliveiros bebeu.

Ferrabraz admirado  
Por ver tanta ligeireza,  
E vêr aquella destreza  
Em quem já estava cançado,  
Viu Oliveiros curado  
De todas suas feridas  
Suas forças abatidas,  
Mas estava tão renitente  
Que parecia-lhe um ente  
Com quinze ou dezeseis vidas.

Depois de ter apanhado  
O balsamo que lhe serviu,  
Dentro do rio saccudio  
O que inda tinha ficado.  
Ferrabraz ficou massado  
Por Oliveiros botar  
O que não podia achar  
Ainda a peso de ouro,  
Do mundo todo thesouro  
Não poderia comprar.

Oliveiros respondeu:  
Ferrabaz fique sabendo

Que a tudo Deus está vendo  
Pois o mundo todo é seu,  
Um guerreiro como eu  
Não vae atraz de cilada  
Com Deus não me falta nada  
Me bastam os prodigios seus  
Não quero mais do que Deus  
Uma lança, uma espada.

E tornou o investir  
Que só um leão voraz.  
E disse: Senhor Ferrabraz  
E' tempo de decidir,  
Só se ouvia era tinir  
As espadas pelo ar.  
Roldão que estava a olhar  
De vez em quando dizia:  
Oliveiros eu queria  
Estar agora em teu lugar.

Já tinha se espedaçado  
Arnéis, capacête e tudo,  
Não tinha mais um escudo  
Que não tivesse quebrado.  
As lanças tinham voado  
Só as viseiras existiam  
Elles já mal se cobriam  
Nas horriveis cutiladas.  
Somente as duas espadas  
Sem damno algum resistiam.

Oliveiros se preparou  
E partiu ao inimigo...  
O turco viu o perigo  
A pé firme o esperou,  
Um golpe nelle deitou  
Com tanta disposição  
Sem ser proposito ou traição  
Nesses golpes tão ligeiros,  
O cavallo de Oliveiros  
Cahiu sem vida no chão.

Turco tu estás bem montado  
E meu cavallo morreu.  
Ferrabraz lhe respondeu:  
Mas eu não fui o culpado.  
Não ficarás desarmado  
Que eu sei a ordem qual é  
Não desanimas na fé  
Eu fui quem matei o teu,  
Agora monte no meu  
E vou pelejar de pé.

Disse-lhe Oliveiros: não  
Fico tambem desmontado  
Tu não fosses o culpado  
Assim era ser vilão,  
Por certo eu tinha razão  
Porque matasses o meu,  
Foi caso que aconteceu  
Era-me feio acceital-o.

Não brigo só a cavallo  
Podes descansar o teu.

Ahi Ferrabraz atou  
Num alvoredo o cavallo  
E disse vou descansar-o  
Sua ocasião chegou,  
Para a batalha marchou  
Com toda disposição.  
Oliveiros forte e são  
Esperava cara a cara,  
Com a espada Alta Clara  
Rugindo que só leão.

Eu agora me lembrei  
Da falta que commetti,  
Mas foi porque me esqueci,  
Por isso não relatei.  
Porem sempre fallarei  
Para o leitor se agradar,  
Quem sabe ha de se lembrar  
Na lucta dos cavalleiros,  
O cavallo de Oliveiros  
Quando quíz desembestar.

Com a grande cutilada  
Que Oliveiros recebeu,  
Quando o cavallo correu  
Não obedecendo a nada,  
Sahiu numa desfilada.

Mas o turco o atalhou  
Oliveiros até pensou  
Que fosse alguma tragedia,  
O turco pegou na redia  
E o cavallo parou.

Outra parte que dizia  
Quando o cavallo do turco,  
Foi voal-o num cavuco  
Ferrabraz quasi morria.  
Oliveiros com energia  
Chegou nessa mesma hora,  
Apeiou-se sem demora  
Que só sendo daus irmãos,  
Pegou elle pelas mãos  
E botou Ferrabraz fóra.

E tornaram se bater  
Os dous ferozes cavalleiros,  
O turco com Oliveiros  
Ninguem podia entender,  
Nada se ouvia dizer  
No jogo das cutiladas,  
As armas espedaçadas,  
Com esse pesado jogo  
De longe via-se o fogo  
Que sahiam das espadas.

Podes gabar-te Oliveiros  
Disse o turco admirado:

— Olhe que tenho luctado  
Com mais de mil cavalleiros,  
Entre todos os guerreiros  
Não houve quem me ferisse  
Nem quem tanto resistisse  
Os golpes de minha espada,  
Ella por outra assignada  
Nunca houve quem a visse.

Disse Oliveiros:—então  
Tua espada não torasse,  
E' porque não encontrasse  
Com a espada de Roldão.  
Elle com ella na mão  
Nunca encontrou ferro duro,  
Nem arnez de aço puro  
Que sens golpes resistisse,  
Nem metal que não rangisse,  
Nem cavalheiro seguro.

E cobriu-se com uma parte  
Do escudo que ficou,  
Com todo orgulho gritou,  
Vamos dar fim ao combate,  
A nós não ha quem aparte  
Disto já estou convencido,  
Haja o que Deus fôr servido.  
Onde ha campos e espadas,  
As razões são escusadas,  
Conversa é tempo perdido.

E partiu determinado  
A Ferrabraz degollar,  
Mas não poudo aproveitar  
O golpe descarregado.  
O turco pulou de um lado,  
Um golpe nelle mediu.  
Quando Oliveiros sentiu  
O braço lhe estremeceu,  
Do golpe que recebeu  
A sua espada cahiu.

Assim mesmo inda pegou-a,  
Mas tinha o braço dormente.  
O turco rapidamente  
Partiu a ella, apanhou-a,  
Pegou nella, examinou-a,  
Ficou muito admirado  
E disse enthusiasmado.  
—Oliveiros estás vencido,  
Isso ahi está decidido,  
Porque já estás desarmado.

Porem pega tua espada  
Não quero vencer-te assim,  
Mesmo quero ver o fim  
Dessa batalha encantada,  
Pois que está tão dilatada  
Qua já estou mal satisfeito.  
Respondeu-lhe—só acceito  
Por minhas armas tomadas,

Tomal-a por mão beijada,  
Isso não é de direito.

Com um pedaço de escudo  
Que no chão tinha ficado,  
Depois de o ter apanhado  
Disse Oliveiros, isso é tudo,  
Não fura mais é cascudo,  
Mata qualquer, está provado.  
Guarim tinha observado,  
Foi a Carlos Magno e disse  
Que a Oliveiros acudisse  
Que já estava desarmado.

Oliveiros viu então  
Que a sella de Ferrabraz.  
Estava munida de mais  
Com espadas no arçãõ,  
Com toda disposição  
Que só quem não tem juizo.  
Partiu ao turco indeciso  
Sem temeridade alguma,  
Puxou pelo cabo uma  
Que se chamava Baptiso.

Agora sim, estou armado,  
Disse elle a Ferrabraz.  
Nas armas estamos eguaes  
Nenhum ficará massado.  
Cada qual zele seu lado

163  
Que a batalha vai findar,  
E' tempo de aproveitar  
A força, a coragem, o jogo,  
A batalha é ferro e fogo  
Seja feliz quem ganhar.

E haja tempo, o ferro trôa  
Com golpes tão destemidos,  
Das espadas os tenidos  
Só um trovão quando sôa  
Que o estampido rebôa  
Por vãos de serra e quebradas,  
Como bombas dispersadas  
Raios de fogo subiam,  
Grossas faiscas saham  
Daquellas duas espadas.

Ferrabraz a resistir  
Estava com tanta paixão,  
Oliveiros só leão  
Quando alguém quer o ferir,  
Disse—vamos decidir  
Esta batalha comprida.  
A causa está conhecida,  
Um de nós hoje aqui erra,  
E nesse campo de guerra  
Um ha de deixar a vida.

Oliveiros ahi se ergueu  
Marcou-lhe a cabeça ao meio

Que foi o golpe mais feio  
Que um cavalheiro deu.  
Ferrabraz estremeceu  
E quasi perde o sentido,  
Ficando muito abatido  
Já com os golpes primeiros  
Disse consigo Oliveiros:  
—Esse está quasi vencido!

E tornou a repetir  
Outro golpe desmarcado,  
O turco muito cansado  
Quasi o golpe o faz cahir,  
Não podendo resistir  
O golpe não respondeu,  
Oliveiros conheceu  
A falta de ligeireza,  
Mas viu que aquella fraqueza  
Não era defeito seu.

Disse Oliveiros consigo,  
Meu Deus—se vós concedesse  
Que esse turco conhecesse  
Que é feliz viver contigo,  
Livraria-o do perigo  
De su'alma se perder,  
O céu havia de colher  
Um'alma quasi perdida  
Que depois de arrependida  
Podia se converter.

Já de Ferrabraz a vida  
Se divulgava num sopro,  
Cada parte de seu corpo  
Tinha uma mortal ferida.  
A força muito abatida  
Elle de todo mudado  
Pallido e ensanguentado  
Oliveiros viu com calma  
Que o turco só tinha a alma,  
O corpo estava acabado.

Jesus, Filho do Eterno,  
Exemplo da Redempção,  
Livrai a este pagão  
Do abysmo do inferno,  
Dai-lhe um desejo moderno,  
Um intuito que o avise  
Nessa miseravel crise,  
Dai-lhe isso como prenda,  
Que de tudo se arrependa  
Creia em vós e se baptise.

Já estava Ferrabraz  
Muito rendido ao cansaço,  
Já o seu esquerdo braço  
Não o podia erguer mais,  
Porque não era capaz  
De resistir mais uma hora  
E Oliveiros por fóra  
Conheceu-lhe a gravidade,

Com toda amabilidade  
Disse—Ferrabraz, agora,

Quero que fique sabendo  
Que existe um Deus que nos cria,  
Sua força e energia  
E' como aqui tu estás vendo,  
Vim aqui quasi morrendo,  
Todo chagado e ferido  
De um combate que tinha tido  
Para elle defender,  
Sem do teu balsamo beber  
Fui de Deus favorecido!

Se tu chegasses a crer  
Na Santissima Trindade,  
No Poderoso Deus Padre,  
Havias de conhecer  
Que ao mundo rege um poder  
De grande sabedoria,  
Que a tudo alimento e cria,  
Fez o ceu, a terra, o mar,  
E' mais puro que o ar  
E mais claro que o dia.

Esse um dia descera  
Ao mundo das illusões,  
E todas nossas acções  
Como juiz julgará.  
E como te salvará?

Tu sem lei, sem confiança,  
Sem ter nelle uma esperança  
Vás ao dia de juizo?  
Então perde o paraizo  
Esta grande e rica herança?

Deixe estes idolos que adora,  
Crea na Virgem Maria,  
Crea que um Deus nos cria  
Julga tudo em uma hora,  
Bote estas illusões fóra,  
Que o demonio não lhe pise  
Peça a Jesus que o avise,  
Abraça a religião  
Peça das culpas perdão  
Creia em Deus e se baptise.

Disse o turco—cavalheiro,  
Isso eu não hei de fazer  
Me sujeitarei morrer  
No campo do desespero.  
Tenho os louros de um guerreiro!  
Brazão, honra, assim por deante,  
Ainda que vá avante,  
Isto assim nunca farei,  
Não deixo a lei que adoptei  
Por dez montes de brilhante.

Dizendo—Apollim me valha!  
Se levantando cançado,

*peço aqui*

Inda dizia animado:

—Vamos dar fim a batalha!  
A morte não me empalha,  
A vida é como um segredo,  
O mundo um cruél degredo  
Onde um mysterio se encerra,  
Golpe de espada na guerra  
Jámais me mata de medo.

Oliveiros pôde ver  
Quando estavam descançando,  
Que elle estava desmaiando  
E se arriscava a morrer.  
Jámais podia viver  
Devido ao seu mau estado.  
Muitas feridas de lado  
Era enorme a sangueira,  
Das armas só a vizeira  
Apenas tinha ficado.

Ainda se levantou,  
Disse:—Sr. Oliveiros,  
Esses são os derradeiros  
Golpes que em guerra dou:  
Oliveiros o esperou,  
Mas não queria o matar;  
Seu desejo era o salvar,  
Não desejava mais nada  
Pôz no *rebo* sua espada  
Apenas para constar.

Assim que Ferrabraz viu  
Se ultimando sua vida,  
Pôz a mão sobre a ferida  
A Oliveiros pediu  
Julga-se que o turco sentiu  
Uma emoção tanto ou quanto  
Que disparou nesse pranto  
Resentido e maguado,  
Como se fosse tocado  
Do Divino Espirito Santo.

—Nobre e grande cavalleiro!  
Disse o turco arrependido,  
Agora estou convencido  
Que teu Deus é verdadeiro,  
Grande, bom e justiceiro.  
Ente de grande mistér,  
Faz tudo quanto quizer  
Nelle não ha quem pise...  
Te peço que me baptise,  
Depois faça o que quizer.

Oliveiros quando acabou  
De ouvir o que elle dizia  
Ficou com tanta alegria  
Que de contente chorou.  
As feridas lhe curou  
Livrou elle de morrer  
Então se ouvia dizer:  
—Aquella alma fiél

Bemdicto o Deus de Israel  
Que foi, que é, e ha de ser.

Estando Oliveiros sentido  
Por vêr assim Ferrabraz,  
Lhe disse,—hoje serás  
Pelos pares recebido;  
Não por eu ter te vencido  
Mas sim por seres christão...  
Porque a religião  
Abraça todo rebelde  
Desde da hora que pede  
De suas culpas perdão.

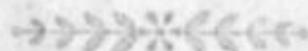
Disse o turco:—has de montar  
Em meu cavallo e seguir;  
Se meu exercito me vir  
Ha de querer me tomar  
E cuide logo em se armar  
Com a maior brevidade,  
Tenho arma em quantidade  
De qualidades mais bellas  
Pode confiar-se nellas,  
Que valem sete cidades.

E por tráz daquelle oiteiro  
Tem dez mil turcos esperando  
E mais que ha de vir chegando  
Cada qual mais cavalleiro.  
Onde tem cada guerreiro

Que só um tigre ou leão  
Homens de disposição,  
Destros no jogo da lança,  
Pessoas de confiança  
Do almirante Balão.

Disse: has de montar  
Em meu cavallo e seguir  
E ajudar-me a subir  
Para poder me levar,  
E não deves demorar  
Porque estou muito ferido...  
Ficarei muito sentido  
Se morrer sem baptisar-me,  
Alli tem a esperar-me  
Um exercito mui crecido.

E Oliveiros andando,  
Por uma estrada que havia  
Viu que de um monte sahia  
A força que estava esperando,  
O turco foi se apeiando  
E Oliveiros se arrou,  
Sobre uma sombra o deixou  
Foi de encontro aos inimigos,  
Um dos maiores perigos  
Que Oliveiros encontrou.



6002.

**O autor reserva o direito de pro-  
priedade**

(LGB)